RESUMO DA HISTÓRIA DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA

Cadernos Maria da Fonte, N.º 13

Edição:
J. BRAGANÇA

Distribuidora:
LIVRARIA LER, LDA.
Rua Almeida e Sousa, 24-C — Lisboa-3
Telef. 68 83 71

CADERNOS MARIA DA FONTE

1 — SOBRE A REPRESSÃO — Victor Serge
Esgotado

2 — SOBRE A EMANCIPAÇÃO DA MULHER
Marx, Engels, Lenine e Kollcntai — Esgotado

3 — CITAÇÕES DO PRESIDENTE MAO TSE-
-TUNG — Esgotado

4 — 48 ANOS DE FASCISMO - Antologia - Vários

5 — A GREVE — Fernanda Agria

6 — MANUAL POLÍTICO — Partido Africano da Independência da Guiné e de Cabo Verde (P. A. I. G. C.)

7 — TEXTOS POLÍTICOS DE AMÍLCAR CABRAL — Antologia

8 — REGIÕES LIBERTADAS GUINÉ BISSAU

9 — TESES E RESOLUÇÕES DO II CONGRESSO DA INTERNACIONAL COMUNISTA

10 — A B C DO COMUNISMO — N. Bukharin

11 — TESES SOBRE A ESTRUTURA, OS MÉTODOS E A ACÇÃO DOS PARTIDOS COMUNISTAS

12 — DIREITO DOS POVOS PARA SE GOVERNAREM POR SI MESMOS — Lenine

13 — RESUMO DA HISTÓRIA DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA

INTRODUÇÃO

1) O texto que publicamos refere-se à experiência concreta da Albânia, à luta travada pelos comunistas pela construção do Partido da classe operária, neste País. Esta luta deu-se em condições específicas e não pode ser extrapolada para outros países sem as necessárias correcções impostas pelas diferentes condições.

No entanto, o processo que levou à fundação do PTA é exemplar em muitos aspectos gerais dessa luta que encontramos entre nós, e que se torna necessário analisar: a *grupusculização,* o *sectarismo de alguns grupos,* a *fetichização da organização* de outros, a *necessidade de desmascarar e isolar as organ. da pequena burguesia radical* com concepções oportunistas de organização e de actividade prática, e outras dificuldades menores que obstam à realização rápida e firme da unidade de todos os comunistas.

2) Na Albânia a luta do proletariado processa-se a partir de certa altura nas condições de dominação imperialista do fascismo italiano, aliado a uma burguesia albanesa fraca e pouco interessada em desenvolver uma luta de libertação nacional, preferindo a aliança submissa ao fascismo italiano. É a radicalização da luta das massas que leva os comunistas a apressarem a sua unificação e a constituirem-se em partido superando de forma dialéctica as diferenças que os separavam.

3) Os esforços e directrizes do Komitern a acção de grupo no exílio no sentido da criação do Partido, não tiveram efeito. Só quando os grupos adquiriram um certo enraizamento é que a unidade foi possível. Até lá as tentativas falharam. Os quinze homens que fundam o PCA não eram militantes isolados. Eram dirigentes de vários grupos comunistas com muitos anos de luta. Representavam diversas organizações, e o capital político de cada uma delas. O texto que publicamos, mostra bem todo um processo de luta dos grupos comunistas no sentido de profundamente se ligarem às massas e definirem uma linha correcta. Só então foi possível a criação do PCA, e com ela elevar a luta

a formas superiores e conseguir um enraizamento ainda maior nas massas trabalhadoras.

4) As dificuldades foram superadas na prática da luta, no trabalho de massas desenvolvido por algumas organizações marxistas da Albânia, tendo sido decisivo a pressão das bases das organizações que começaram a cooperar entre si quando o desenvolvimento da luta impôs essa necessidade. A lição a tirar daqui é que o processo que conduz à unidade dos comunistas, é um processo dialético que se desenvolve na prática concreta de luta e não independentemente desta como pretendem alguns idealistas. De facto a prática concreta de luta permite que se desmistifiquem as orientações oportunistas de algumas organizações que se reclamam das posições do proletariado. É com base nessa prática que se pode desenvolver uma luta ideológica correcta e eficaz contra os desvios do marxismo-leninismo e nunca como defendem os que apenas pretendem mascarar o seu ultra-sectarismo à margem desta prática e da luta de classes em geral.

5) Em Portugal avulta a existência do PCP revisionista que procura afastar o proletariado

da luta consequente. A actuação do PCP dificulta por um lado a acção dos marxistas-leninistas, mas por outro lado vai-se desmascarando cada vez mais e mostrando os interesses de classe que serve, como acontece na sua participação no Gov. Prov. Os marxistas-leninistas têm que desenvolver a luta contra o capitalismo, o colonialismo e o neo-colonialismo e o imperialismo em estreita ligação com o combate aos agentes da burguesia infiltrados no proletariado.

6) Tal como na Albânia, na fase anterior à constituição do partido também em Portugal os grupos comunistas são «pequenos e instáveis. Os seus militantes... principalmente elementos de origem pequeno burguesa, ... sem uma sã formação ideológica política». Em muitos casos, estão «encerradas em si mesmas e os elementos anti-marxistas infiltrados nas suas fileiras... minando por dentro». São «pequenas e geralmente actuam sem coordenação entre si. Difundem ideias comunistas, mas a sua propaganda é limitada, espontânea e afastada dos problemas políticos e económicos do País».

Esta é a regra geral, embora algumas organizações (entre as quais nos incluímos) se esforcem por aplicar uma linha correcta e tenham já dado passos importantes nesse caminho.

Na luta desenvolvida pelos comunistas albaneses encontramos sempre o trabalho de massas, a combinação (articulação) do trabalho clandestino com o legal, a constituição de círculos educativos operários, onde se formavam simpatizantes e futuros militantes. A literatura marxista teve uma grande importância, apesar da acção negativa dos textos trotskistas, anarquistas e outros que originavam confusões e fomentavam o desenvolvimento de facções e tendencias.

7) Na Albânia havia grupos (os arquimarxistas) que defendiam a «teoria dos quadros» segundo a qual os «comunistas não deviam actuar e muito menos ligar-se às massas e organizá-las, mas tinham que circunscrever-se às suas células e preocupar-se somente com a sua formação teórica».

... «o dever dos comunistas era educar e formar quadros que amanhã começassem o trabalho de agitação entre as massas populares»... «com estes quadros educados e formados teoricamente eles tencionavam organizar o partido Comunista Albanês». E surgiram Partidos

«Comunistas» formados no estrangeiro que se procuravam fazer aceitar pelos grupos e militantes que no país desenvolviam e conduziam a luta. Esses falsos partidos foram rechaçados e os verdadeiros comunistas prosseguiram a luta conseguindo criar as condições que levaram à constituição do verdadeiro Partido do Proletariado.

Em Portugal também nos surgem falsos partidos do proletariado, desde o partido revisionista infiltrado no proletariado, até ao PC de P (M-L) (entretanto cindido em dois ou mais) «formado há já quatro anos e com uma acção em Portugal praticamente nula, reduzida a alguns documentos de difusão muito limitada em que com sabedoria de «cátedra» se excomungam as diferentes organizações.

8) Os grupos marxistas-leninistas não podem enveredar por uma actuação aventureirista e precipitada. Não devem correr riscos inúteis, nem desenvolver trabalho que não esteja em formas organizativas adequadas, nem tenha em conta o estado das organizações e as suas forças. A direcção do trabalho de organização, agitação e propaganda deve dirigir-se fundamentalmente para a classe operária e não, como certas

organizações fazem, centrar-se excessivamente entre os estudantes, onde recrutam parte consiederável dos seus militantes.

Os grupos marxistas-leninistas assentam na aplicação do centralismo democrático, onde a par de uma rigorosa disciplina e centralização haja uma intensa democracia interna, com larga iniciativa dos militantes e discussão dos problemas organizativos. Têm de se combater as orientações que a coberto do combate ao «burocratismo» apregoam a descentralização e atacam o centralismo democrático, o que leva as organizações a não actuarem como um corpo único, a não terem uma direcção única, a terem diferentes orientações, a perderem eficácia, levando ao desenvolvimento de tendências, etc...

9) A necessidade de unificar todos os comunistas deve estar sempre presente no espírito de todos os verdadeiros comunistas, mas essa tarefa que é a unificação dos comunistas não pode ficar no terreno dos desejos sendo encarada de forma idealista, antes deve ser encarada dialécticamente empreendendo-se na luta prática a reunião das condições concretas que a possibilitam. A reconstrução do partido em Portugal como na Albânia será um processo dialéctico

que unirá o combate ideológico aos desvios e posições incorrectas de certas unificações, aos esforços unitários assentes numa prática política de massas com as organizações que se guiem pelo marxismo-leninismo. Os comunistas portugueses têm de avançar na reconstrução do Partido, aproveitando as condições criadas pelo 25 de Abril, nomeadamente através de convenções agora possíveis entre as organizações marxista-leninista, através de uma intensa e bem conduzida luta ideológica, e do trabalho de massas e colaboração na prática entre esses organismos. Para a Reconstrução do Partido a Experiência da Albânia e do PTA dão ricos ensinamentos aos comunistas portugueses.

CAPÍTULO I

ORGANIZAÇÃO DO GRUPO COMUNISTA DE KORCHA

A política antipopular e antinacional do regime zoguista suscitou a indignação geral das massas populares. Reapareceu a luta pelos direitos democráticos anti-imperialistas. O terror zoguista desencadeado em todo o país dificultava um novo desenvolvimento do movimento democrático.

Porém a luta anti-zoguista não cessou, as forças democráticas anti-zoguistas prosseguiram-na em diversas formas.

A resistência das forças democráticas manifestou-se de maneira particular com a actividade revolucionária dos camponeses e dos operários. Os camponeses em diversas províncias lutaram contra a violência dos latifundiários que procuravam expulsá-los das suas terras ou apoderar-se delas, assim como também

contra os elevados impostos. Esta luta por vezes manifestou-se em cruéis recontros com a polícia zoguista.

A classe operária começou a desempenhar um papel mais importante. As suas filas engrossavam com camponeses arruinados. Muitos deles trabalhavam nas obras públicas que se construíam com fundos estrangeiros (italianos). Estes operários explorados pelas empresas lutavam desde o ano de 1925 contra a injustiça, protestavam e realizavam manifestações, declaravam greve exigindo o pagamento das suas jornas, retidas há vários meses. Juntamente com eles em 1927 também participaram numa greve por aumento de salários, os operários da sociedade concessionária inglesa de petróleo, assim como os mineiros de Selenica.

A intervenção das forças de polícia zoguista forçava frequentemente os operários a regressar ao trabalho sem terem obtido os seus direitos.

Durante estes anos formaram-se várias organizações operárias: «União Operária» em Gjirokastra (1925), a «Associação Operária de Perpari» (Progresso) em Tirana (1927) e a «União Operária de Sastres» (alfaiates) de Korcha (1927). Estas eram associações de aprendizes que tinham por objectivo desenvol-

ver a solidariedade e organizar a ajuda mútua entre os operários, reduzir os vestígios feudais e resolver os conflitos entre os artesãos e os patrões.

A «União» de Korcha admite também nas suas fileiras os mestres artesãos e tinha tendência a conciliar os seus interesses com os dos aprendizes. Tais associações não podiam desempenhar, nem desempenharam, nenhum papel de importância na organização do movimento operário.

Desde o princípio que a luta camponesa e operária teve um caracter anti-zoguista pelo que o regime de Zog pôs em marcha o seu aparato militar e policial para reprimir violentamente todo o movimento que tentasse aliviar em algo a miserável situação das massas. Mas esta luta não era organizada e desenvolvia-se espontâneamente, porque faltava uma direcção revolucionária.

O movimento das forças democráticas, o desenvolvimento do movimento operário e o descontentamento geral face ao regime, haviam preparado, pois, as condições necessárias para um movimento comunista organizado. Nesse sentido desempenhou um papel importante a literatura marxista que se difundia nos círculos

operários, artesãos e intelectuais. Esta literatura era introduzida do exterior pelos albaneses que estudavam ou trabalhavam no estrangeiro e que haviam aderido às ideias comunistas e se empenhavam em propagá-las.

Em 1928, elementos progressistas, operários, e artesãos criaram na cidade de Korcha a primeira célula comunista. Os militantes deste grupo, muito embora não contassem com uma formação teórica e política, suficiente, compreendiam perfeitamente a necessidade de organizar o movimnto comunista como condição indispensável para o desenvolvimento do movimento operário e da luta das massas populares contra o regime dos latifundiários e da burguesia.

Pouco tempo depois também em Korcha criavam-se outras células. Isto tornou indispensável a reorganização do trabalho. Para isso, em Junho de 1929, convocou-se a reunião dos representantes das células comunistas. O Comité Directivo nomeado nesta reunião decidiu trabalhar para a criação de novas células encarregadas de divulgar as ideias comunistas através de círculos eductivos. Na reunião tomou-se a decisão de ligar-se às massas e ao movimento operário por meio de associações operárias legais. Para este objectivo definiu-se como tarefa imediata a criação de organizações operárias revolucionárias que lutassem por reivindicações económicas e políticas.

A reunião de Julho de 1929 constituiu o Grupo Comunista de Korcha e marcou o começo do movimento comunista organizado.

Sob a direcção do seu comité, o movimento comunista de Korcha fortaleceu-se. Em pouco tempo na cidade havia oito células com quarenta militantes no total. Cada uma delas dirigia 3 ou 4 círculos educativos.

O Grupo Comunista de Korcha era a primeira organização política da classe operária albanesa. Mas como dava os seus primeiros passos era ainda débil, deficientemente organizada e sem experiência. A literatura sobre o comunismo que os militantes dos grupos e os simpatizantes estudavam não era totalmente marxista. Havia também nela materiais trotskistas e anarquistas desorientavam ideologicamente os leitores. Entre estes materiais os mais divulgados eram as publicações arquimarxistas da organização trotskista dos intelectuais gregos. Os pontos de vista arquimarxistas conseguiram conquistar alguns elementos que participavam no grupo de Korcha. Um deles foi

Niko Xoxi, membro da direcção do Comité Directivo. Estes elementos aceitavam o marxismo só formalmente, mas realmente deturpavam as suas teses fundamentais e lutavam por todos os meios contra a sua aplicação.

A criação do Grupo de Korcha coincidiu com o começo da crise económica do capitalismo mundial, cujas funestas consequências se sentiram também na Albânia. Os latifundiários e os capitalistas esforçaram-se por atirar todo o peso para os ombros do campesinato e da classe operária. A baixa de preços dos produtos agrícolas agravou ainda mais a situação de miséria do campesinato. Isto obrigou muitos camponeses a abandonarem as suas terras e a tratarem de arranjar trabalho nas cidades. As dificuldades na venda das mercadorias causaram a ruína de muitos artesãos e de pequenos comerciantes. Ao mesmo tempo muitas oficinas e fábricas interromperam ou limitaram a sua produção. Tudo isto foi engrossando as fileiras do exército de desempregados e originou a baixa das jornas.

Por isso o movimento grevista dos operários pelas suas reivindicações adquiriu um impulso sem precedentes...

O agravamento geral da situação económica e a escassez de alimentos que aflige as massas

desprotegidas do povo acentuavam ainda mais o ódio ao regime. O desenvolvimento do movimento operário dava a possibilidade ao grupo Comunista de Korcha de aumentar a sua actividade e unir-se mais às massas. Porém devido a acentuadas deficiências ideológicas e de organização manteve-se afastado do movimento. Todavia, com a ajuda do grande militante comunista Ali Kelmendi o trabalho do grupo deu uma importante viragem.

CAPÍTULO II

O MOVIMENTO COMUNISTA ALBANÊS E O KOMITERN

Fora do país efectuavam-se também esforços para organizar o movimento comunista albanês. A III Internacional Comunista (Komitern), através da Federação Comunista das Balcãs deu uma ajuda valiosa na organização dos democratas revolucionários albaneses que se viram obrigados a abandonar o país depois de ter sido derrubada a Revolução de Junho e instaurada a ditadura zoguista...

Em Março de 1925 fundava-se em Viena a organização democrática chamada «Comité Nacional Revolucionário» (CONARE); ao mesmo tempo um grupo de jovens revolucionários ex-militantes da associação «Bashkimi» foram à União Soviética. Uma parte deles abraçaram os ideais comunistas... Em Agosto

de 1928 fundaram o «Grupo Comunista Albanês» na U. S. com sede em Moscovo...

Para cumprir com os estatutos, o «G. C. A.» na U. S. tinha como tarefa principal desenvolver um trabalho revolucionário concreto na Albânia e ajudar assim o movimento comunista. Entre os comunistas que regressaram à pátria em 1930 destacam-se Ali Kelmendi.

Ao regressar ao país Ali Kelmendi dedicou-se à criação de novos grupos comunistas na clandestinidade. Organizou uma célula comunista em Tirana assim como uma fracção comunista dentro da associação de alfaiates «Perparimi» Por sua iniciativa formaram-se também grupos comunistas nas cidades de Vlora, Kruía e Elbasan. Geralmente estes grupos eram pequenos e instáveis. Os seus militantes eram principalmente elementos de origem pequeno-burguesa, mestres, empregados, militares e artesãos sem uma formação ideológica e política sã.

Ali Kelmendi também entrou em contacto com o Grupo Comunista de Korcha, que se encontrava num estado pouco satisfatório. O grupo estava fechado sob si mesmo e os elementos anti-marxistas infiltrados nas suas fileiras haviam começado a miná-lo e a travar-lhe a actividade. Ali Kelmendi deu uma grande contribuição para que o grupo de Korcha saísse dessa situação. Deu-lhe orientação no sentido de combinar o trabalho clandestino com o legal, participar activamente nas associações legais operárias e artesanais e convertê-las em organizações revolucionárias, para aumentar a actividade noutras cidades e particularmente nos centros operários, traduzir literaratura marxista, que serviria para o avanço ideológico dos comunistas. Apesar de ser encarcerado pelas autoridades zoguistas em diversos sítios Ali Kelmandi esforçou-se por manter contactos com as organizações comunistas e por dar-lhes toda a sua ajuda. A sua prisão em Korcha em 1932 possibilitou a colaboração directa com o grupo comunista dessa cidade. A intervenção de Ali Kelmandi na reunião ampliada da direcção do comité em Julho de 32 abriu perspectivas novas e mais claras para o grupo. O grupo de Korcha aceitou uma plataforma política e organizativa mais sólida. Por consequência, também a sua actividade entrou numa nova fase de desenvolvimento.

Com a ampliação da actividade revolucionária do grupo de Korcha agudizou-se também a luta ideológica nas suas fileiras. Os elementos

trotskistas lançaram-se em furor contra a linha seguida por Ali Kelmandi e contra a parte mais sã do grupo, esforçando-se em obstruir por todos os meios a amplitude do labor e a influência dos comunistas entre as massas. O seu representante principal Niko Xoxi, ambicionava tomar a direcção do grupo para o obrigar a aceitar os pontos de vista trotskistas. Para justificar o seu sinistro desígnio, Niko Xoxi propagava aos quatro ventos a «teoria dos quadros», teoria adoptada dos arquimarxistas gregos. Segundo esta teoria, os comunistas não deviam actuar e menos ainda ligar-se às massas e organizá-las, mas tinham que circunscrever-se às suas células e preocupar-se sómente com a educação teórica.

O Grupo de Korcha não podia desenvolver com êxito a sua actividade sem desmascarar completamente o trotskista Niko Xoxi. Por esta razão, a reunião ampliada da direcção do comité decidiu expulsá-lo do seu seio, mas ficando como militante do grupo. Esta incompleta medida permitiu a Niko Xoxi e a outros elementos arquimarxistas prosseguir a sua nefasta actividade dentro do grupo e nas fileiras das associações operárias. Só graças ao labor de esclarecimento e desmascaramento realizado

pela parte mais sã dos comunistas, Niko Xoxi foi obrigado a separar-se quase por completo do Grupo.

O movimento comunista na Albânia já se havia estendido a uma série de cidades. Novas organizações comunistas foram criadas em 1934 e 1935 em Tirana. Shkodre, Fier, Vlora, Elbasan e Gjiroklastra. Mas estas organizações tão pouco se compunham principalmente de operários, eram pequenas e geralmente actuavam sem coordenação entre si. Difundiam as ideias comunistas, mas a sua propaganda era limitada, espontânea e afastada dos problemas políticos e económicos do país...

CAPÍTULO III

A IMPRENSA DIRIGIDA PELOS COMUNISTAS

Os acontecimentos de 1936 (greves, manifestações contra a fome, a grande manifestação «demonstração pelo pão») comprovaram o crescimento da influência dos comunistas entre as massas, mas estes êxitos eram limitados a certas regiões do país. O trabalho político para desmascarar o regime e a sua política antipopular e antinacional, os comunistas faziam-no só por meio da agitação individual. A severa censura zoguista não lhes permitia expressar abertamente os seus pontos de vista na imprensa. Porém, os seus escritos, de um espírito progressista democrático conseguiam-se publicar nos órgãos da imprensa burguesa. A facção comunista do Comité de Libertação Nacional (CONARE) tinha publicado em 1934 e 1935, dois folhetos em que se descrevia a degenerescência total do regime e se desmascarava o seu

carácter reaccionário. Estes folhetos expunham o novo programa do movimento popular da Albânia, no qual já se previa a organização da insurreição armada das massas populares dirigidas pela classe operária, para destruir o regime de Zog e instaurar a República Popular. Por sua parte, o Grupo Comunista Albanês de Lyon (França) publicava já o jornal combativo anti-zoguista e antifascista «Populli» (Povo) que mais tarde foi substituído pelo jornal «Sazanis». Mas estes materiais difundiam-se muito pouco na Albânia, fundamentalmente só em limitados círculos intelectuais.

A necessidade de desenvolver os ideais democráticos, antifeudais e anti-imperialistas dentro do país exigia que os comunistas usassem novas formas de trabalho. Haviam começado a aproveitar com êxito as associações culturais e artísticas. A associação «Besa Hhqiptare» (Lealdade albanesa) criada desde 1929 pelos alunos do instituto de Shkodre, e o grupo teatral da associação «Puna» de Korcha. ganharam popularidade com os seus espectáculos teatrais de espírito patriótico, democrático e anti-imperialista. À parte isso, as diversas organizações comunistas tomaram medidas para a publicação de órgãos legais que se convertiam em tribuna própria e dos elementos progressistas do país. Os comunistas das organizações de Tirana e de Korcha aproveitaram imediatamente as circunstâncias criadas quando assumiu o poder e governo «liberal» e publicaram os seus órgãos, os quais encontraram grande divulgação em todo o país (exemplo da revista «Mundo Novo»).

CAPÍTULO IV

PROPAGAM-SE AS ORGANIZAÇÕES COMUNISTAS. O GRUPO COMUNISTA DE SHKODRE

Os acontecimentos revolucionários dos anos 1935 e 1936 significaram um importante êxito do movimento comunista. Ao mesmo tempo reflectiram uma série de fraquezas na organização do movimento operário e anti-zoguista. A tarefa imediata que se impunha nestas circunstâncias era a ampliação do movimento comunista em todo o país, o estabelecimento de sólidos contactos entre as diferentes organizações e a coordenação da sua actividade.

Com este fim, o Grupo Comunista de Korcha criou em Dezembro de 1936 um novo comité directivo, encarregado de desenvolver a actividade em todas as regiões do país. Este comité pretendia converter-se no centro da direcção do movimento comunista da Albânia, o que não

conseguiu. Criaram-se sómente novas organizações do grupo de Korcha em Berat e Tirana, onde também se organizou a associação dos operários tipógrafos. A actividade desenvolvida pelo comité de Korcha em diversas regiões do país tinha um carácter superficial e descontínuo. O recrutamento de novos membros não se fazia na base de um bom conhecimento. Esta era a causa de se terem infiltrado nas fileiras da organização elementos antimarxistas que prejudicaram o movimento comunista.

Nessa época surgia em Shkodra um novo e importante foco do movimento comunista. A primeira organização comunista, fundada já em 1934, nessa cidade havia estendido a sua actividade. Criaram-se novas células e grupos de simpatizantes. O Grupo Comunista de Shkodra estendeu-se a Tirana. Elbansan, Gjirokastra, Korcha, etc. Para dirigir as organizações em 1937 formaram-se comités regionais em Shkodra e Tirana. O dirigente do grupo era Zef Mala, intelectual com pontos de vista pouco claros e com uma tremenda confusão política.

A actividade do Grupo entre as massas limitou-se aos círculos estudantis e artesãos e a alguns centros de trabalho. Conseguiram importantes êxitos criando a organização da juventude de Shkodra e Tirana e a organização da «associação operária dos carpinteiros» em Tirana.

O grupo de Shkodra não tinha uma linha política clara e determinada, uma forma precisa de organização, nem uma disciplina e uma clandestinidade sólida nas suas fileiras. As células constituídas geralmente por três membros, ocupavam-se fundamentalmente da sua própria preparação teórica. A literatura que se utilizava para este fim, e que incluia uma série de obras dos clássicos do marxismo-leninismo, serviu para difundir as ideias comunistas. Mas, assim como nos outros grupos, nas organizações do grupo de Shkodra também circulava literatura trotskista e anarquista.

No seu caminho de desenvolvimento, o movimento comunista albanês deparou com sérios obstáculos causados pelos trotskistas. Nos princípios de 1937 havia regressado à Albânia vindo de Atenas, Andrea Zisi (...) que pretendia ser o dirigente do chamado «Partido Comunista Albanês formado na Grécia e reconhecido, segundo ele, pelo Komitern. Na realidade, era o dirigente de um grupo trotskista criado em Atenas em 1936 conhecido pelo nome de Grupo «Zjani (Fogo). Andrea Zisi tinha como objec-

tivo absorver todos os grupos comunista albaneses no seu «partido» de Zjani mas manifestou estar disposto a colaborar com ele com a condição de aceitar a plataforma do grupo. Entretanto A. Zisi estabeleceu contactos com o fraccionista Niko Xoxi concordando ambos numa linguagem comum. Os dois coordenaram a luta contra o Grupo Comunista de Korcha.

Por outro lado, Aristidh Qendro tinha começado em Tirana um trabalho de sapa contra o movimento comunista. Este sujeito, cuja militância no grupo de Korcha era só formal havia podido actuar sem se desmascarar por ausência de contrôlo por parte dos dirigentes do grupo. Em nome do grupo, tinha reunido em Tirana vários militantes os quais influenciava com os seus pontos de vista anti-marxistas. Em 1937 degeneraram totalmente num grupo trotskista.

Paralelamente, o Grupo Comunista de Shkodra realizou as primeiras tentativas de se vincular com o Grupo de Korcha. Na carta que enviou aos comunistas de Korcha em 1937 pedïa que lhe desse, como grupo com mais experiência, ajuda no terreno da organização. Niko Xoxi sabotou a boa vontade que demonstrou o grupo de Korcha para ajudar o grupo de Shkodra. Apresentando-se como representante do grupo comunista de Korcha anunciou ao grupo de Shkodra a criação do «P. C. A.» na Grécia e a próxima chegada do seu C. Central à Albânia. Niko Xoxi acusou os dirigentes do grupo de Korcha e Ali Kelmendi de nacionalistas e cisionistas do movimento comunista. Os seus pontos de vista encontraram um terreno favorável entre os dirigentes do grupo de Shkodra, entre os quais prevalecia a confusão ideológica. De facto Zef Mala e Niko Xoxi converteram-se nos dirigentes princiais do grupo. Assim se sabotou a aproximação e a colaboração entre os dois principais grupos comunistas.

CAPÍTULO V

NOVA LINHA DO MOVIMENTO COMUNISTA ALBANÊS

Em Dezembro de 1936 Ali Kelmandi apresentou o informe na reunião dos comunistas albaneses que actuavam no estrangeiro. Esta reunião foi efectuada em Moscovo... Ali Kelmandi pedia a consolidação do trabalho organizativo para a criação dum partido comunuista. Como medida importante neste sentido estava a constituição de um centro de organização na Albânia, que se apoiasse nos grupos existentes e em primeiro lugar no de Korcha.

Este centro teria como actividade a «consolidação e direcção dos grupos comunistas existentes, a organização do movimento comunista em toda a Albânia, assim como a convocação dum congresso constitutivo do Partido Comunista da Albânia». Ali Kelmandi considerava

necessária a existência de uma organização comunista independente, que dirigisse o movimento sindical e anti-fascista. Por iniciativa e sob a direcção dos comunistas devia-se criar uma organização ilegal e centralizada, de carácter democrático e anti-fascista, para combater o regime zoguista e o imperialismo italiano, para proclamar uma república democrática e romper as convenções escravizantes com a Itália fascista. Sobre a base desta organização fundar-se-ia a Frente Popular.

Depois de examinar o informe, a reunião tomou decisões que foram aprovadas também pelo Komitern. Segundo estas decisões criar-se-ia na Albânia uma organização clandestina de carácter democrático e anti-fascista, dirigida por um Comité Central em que participariam os comunistas e os nacionalistas patrióticos...

Sobre as organizações comunistas existentes, o Komitern partia da realidade de que as antigas células estavam desvinculadas das massas e encerradas no seu próprio meio e por isso não eram capazes de aplicar a nova linha. Por isso as células e os seus órgãos dirigentes deviam dissolver-se temporariamente, e reorganizar-se

no futuro partido logo que tivessem conseguido sólidos alicerces nas massas, graças ao trabalho nas associações legais. Os contactos entre comunistas deviam ser individuais. As funções de centro de organização dos comunistas até à fundação do partido, desempenhá-las-ia o núcleo comunista do Comité Central (...)

Ali Kelmandi e Kocho Taahko foram encarregados de dar a conhecer estas orientações na Albânia Ali Kelmandi foi a França para conseguir a sua entrada no País. Aí teve que desenvolver grande actividade para levar à prática a nova linha nas fileiras dos comunistas e dos exilados albaneses. Deu particular importância ao desmascaramento das actividades hostis de Llazar Fundo membro da facção comunista do Comité de Libertação Nacional, que se esforçava por sabotar todo o trabalho dos comunistas albaneses-em-França. Llazar Fundo sabotava o envio de voluntários albaneses a Espanha para lutar contra o fascismo, e finalmente pôs-se abertamente contra a União Soviética, defendendo os bukarinistas, trotskistas, e outros inimigos condenados pelo Partido Comunista (bolchevique) da URSS. Por isso foi conde-

nado como renegado do comunismo, como provocador e agente do imperialismo, e excluído das fileiras do movimento comunista albanês. Uma doença impediu Ali Kelmandi de regressar à pátria e cumprir a missão que lhe haviam confiado. Morreu em Paris a 11 de Fevereiro de 1939.

CAPÍTULO VI

ESFORÇOS PARA APLICAR A NOVA LINHA NA ALBÂNIA

No Outono de 1937 o Grupo de Korcha foi o primeiro que teve conhecimento das novas orintações do Komitern. Quando estudaram a nova linha, os dirigentes deste grupo ainda que recebendo com reservas a orientação de dissolver as células comunistas e o Comité, e ao princípio vacilando em cumpri-la, aceitaram-na como programa da sua actividade ulterior. O Grupo designou o seu próprio representante no núcleo comunista do Comité Central, e decidiu pôr em prática as novas orientações, intensificando o trabalho entre as massas nas organizações legais, tais como as associações artesanais, conselhos de bairros, Conslho Municipal, Conselho da Câmara do Comércio, grupos para militares, associações juvenis, imprensa legal, etc...

A difusão da nova linha entre as outras organizações comunistas do país chocou desde o princípio com a oposição dos dirigentes do grupo de Shkodra. Zef Mala e Niko Xoxi não aceitaram a nova linha, dizendo que em princípio eram por uma revolução social e não nacional, que repudiavam o imperialismo mas não queriam trabalhar com os nacionalistas, que eram partidários de acções directas no momento oportuno, e não de acções a longo prazo e indirectas, etc...

A organização trotskista de Tirana também se opôs à nova linha, o seu dirigente Aristidh Qendro, tal como Zef Mala, considerava como traição à classe operária a colaboração com os nacionalistas e a criação da Frente Popular.

Era necessário desenvolver um trabalho resoluto e inquebrantável de esclarecimento político e ideológico dos comunistas, desmascarar os trotskistas e unir as forças comunistas sãs num só Partido Comunista Albanês. Mas os que haviam assumido esta tarefa deixaram-se vencer perante as dificuldades. O núcleo comunista dentro do Comité Central da nova organização que se haveria de formar, nunca actuou como tal Os seus membros não tinham espírito de sacrifício. O próprio Kocho Tashko que havia

transmitido as novas directivas e era o principal responsável pela sua aplicação, mostrou-se totalmente incapaz do ponto de vista político e organizativo para pô-las em prática.

Por seu lado, o Grupo de Korcha continuava encerrado na sua cidade. Em Março de 1938 dissolveu as suas células. Esta medida provocou certa confusão e desorientação entre as fileiras dos comunistas, que viam a célula como a forma mais adequada para a educação ideológica marxista e o estudo colectivo das questões do movimento operário. Apesar de tudo, antes e depois da dissolução das células, os comunistas do grupo lutaram para aplicar a nova linha em Korcha e alcançaram importantes êxitos neste sentido. Souberam pôr-se à cabeça do movimento democrático da cidade e aumentaram a sua influência entre as massas populares que viam nos comunistas os defensores mais resolutos dos interesses do povo. Isto pode-se comparar na eleições dos conselhos de bairro, do Conselho da Câmara do Comércio, da organização «Juventude de Korcha», etc.... e particularmente nas eleições municipais (...)

Em relação aos problemas internos do país, o Grupo de Korcha seguiu em geral uma linha justa (...) sentia a necessidade de estreitar os

laços dos comunistas com as grandes massas populares, dirigi-las na luta diária pela conquista das suas mais elementares reivindicações políticas e económicas e criar uma Frente Popular que mobilizasse as massas na luta contra o perigo fascista (...)

O Grupo Comunista de Korcha dava grande importância ao movimento dirigido contra o imperialismo italiano, movimento que englobava diversas camadas sociais e considerava-o uma base segura para a criação da Frante Popular.

Com a aplicação desta linha o Grupo Comunista de Korcha conseguiu uma série de êxitos mas só na cidade. O grupo tinha um conceito estreito acerca da base em que se devia formar a Frente Popular num país agrário atrasado como era a Albânia, onde o campesinato constitui a maior parte da população. Apesar de proclamar estender a sua actividade a outras camadas do povo para além da classe operária, não desenvolveu quase nenhuma actividade no campo, em torno da aliança operária - camponesa, sem a qual não se podia organizar a Frente Popular.

O Grupo de Shkodra, por seu lado, não havia tirado ensinamentos úteis dos êxitos obti-

dos pelos comunistas nas eleições dos conselhos de diversas instituições em Korcha, Durvos e outros lugares. Os principais dirigentes deste grupo, em lugar de lutarem pela unidade dos comunistas do país e estreitar os seus vínculos com as massas populares, seguiam o caminho da cisão e de combater o grupo que havia aceitado a nova linha. Neste sentido desempenhou um papel negativo a aparição na segunda metade de 1938 do «Boletim Verde», órgão clandestino do Grupo de Shkodra.

Neste boletim publicavam-se extractos das obras dos clássicos do marxismo - leninismo... Estes escritos constituíam uma importante contribuição para o movimento comunista albanês. Mas ao mesmo tempo, o Grupo Comunista de Shkodra por meio também do «Boletim Verde», defendia teoricamente a sua linha, apresentando teses erróneas e manifestando uma atitude antimarxista, imposta por Zef Mala e Niko Xoxi face ao problema fundamental da criação da Frente Popular.

Os pontos de vista antimarxistas dos dirigentes do Grupo de Shkodra tinham origem num conceito errado sobre o papel das classes e dos estratos sociais no movimento revolucionário albanês e sobre a situação criada na Albâ-

nia pela política de subjugação do fascismo italiano. Consideravam que na Albânia o proletariado não existia, nem tão pouco a burguesia no sentido real da palavra, que a parte mais revolucionária da população eram os artesãos e que o campesinato seria aliado do proletariado só quando, este último, com um maior desenvolvimento capitalista do país, crescesse e chegasse a ser capaz de hastear com as suas mãos a bandeira da Revolução Socialista.

Assim, segundo eles, como não existia proletariado nem burguesia, não se travava tão pouco uma verdadeira luta de classes e como consequência, não se tinham produzido ainda as condições para a revolução. Inclusive o próprio movimento comunista não tinha surgido, segundo eles, como uma necessidade imperiosa de que a classe operária dirigisse a luta contra os capitalistas, mas como resultado de influência estrangeira. Nestas condições, tendo já surgido este movimento o dever dos comunistas era educar e formar quadros que amanhã começassem o trabalho de agitação entre as massas populares, atraíssem o proletariado e tomassem nas suas mãos a direcção da revolução comunista. Com estes quadros, educados e formados teoricamente, eles tencionavam organizar o

Partido Comunista Albanês (...) Estes conceitos confundiam ainda mais os militantes do Grupo do ponto de vista ideológico.

Entre os grupos agravaram-se pois as contradições ideológicas e políticas acerca da aplicação do marixsmo nas condições históricas concretas do país. Esta luta estendeu-se ao campo organizativo e teve um carácter de conflito sem princípios (...)

Os grupos comunistas foram as únicas organizações políticas que naqueles momentos difíceis (invasão da Albânia pelos italianos) se preocuparam com o destino do país e do povo. Estes grupos mantiveram uma atitude resoluta contra o regime de ocupação. Mas a cisão impedia a elaboração de uma linha comum para a luta de libertação, a ligação às massas e o conseguir encabeçá-las.

Na ordem do dia colocava-se com urgência a necessidade da união dos grupos e a criação de um único partido comunista. Resolver este problema não era fácil. Era necessário superar grandes obstáculos para eliminar as contradições e a cisão que era alentada sobretudo pelos dirigentes, apesar da necessidade de unidade ser sentida pela maioria dos comunistas.

Mas, para realizar a unidade das forças comu-

nistas e orgnaizar a luta antifascista seguiu-se o velho caminho das conversações entre dirigentes. Nestas conversações chocaram-se de novo as duas linhas opostas acerca do carácter da luta. Os dirigentes do Grupo de Korcha mantinham a posição de organizar a luta pela libertação nacional com a participação de todas as classes e camadas sociais que queriam lutar contra os invasores. Os chefes do Grupo de Shkodra e de outras organizações que não cediam na sua actividade sectária, sustinham os seus antiquados pontos de vista na nova situação. Acreditavam que com a ocupação italiana a Albânia se encaminhava para um acelarado desenvolvimento capitalista. Como consequência, o crescimento da classe operária criaria a base para a revolução socialista.

As conversações entre os dirigentes dos grupos de Korcha e de Shkodra conduziram à formação no Outono de 1939, de um chamado «Comité Central» conjunto, com paridade de representação, dois por cada grupo. Este acordo não foi outra coisa senão «um compromisso social-democrata». Não propunha a fusão dos grupos numa única organização, e estes continuavam separados, mantendo cada um os seus pontos de vista e sem depurarem as suas

fileiras dos elementos antimarxistas. Os dirigentes do Grupo de Shkodra só aceitaram expulsar o trotskista Niko Xoxi. Apoiada em bases tão débeis, esta «unidade» realizada de cima foi puramente formal (...)

Os simples militantes dos grupos compreendiam cada vez melhor que a unidade não se podia conseguir através de conversações infrutíferas entre os dirigentes, mas sim na luta comum contra a invasão fascista. Isto deu como resultado que estas divergências políticas e ideológicas dos dirigentes foram pouco a pouco relegadas para segundo plano pelos militantes.

A autoridade e influência dos dirigentes sobre os militantes dos grupos havia declinado. Por sua própria iniciativa, os comunistas lançaram-se na luta contra os invasores estrangeiros e converteram-se em agitadores da luta de libertação.

... «Os comunistas de base de diversos grupos, na luta e no combate contra o ocupante e seus títeres, unidos com um único objectivo — a libertação do país do invasor, ligavam-se por vínculos de sangue uns aos outros, e esqueciam as rixas e rancores; cristalizava-se assim neles a correcta linha dos comunistas e buscavam a unidade num só Partido, condições «sina qua

non» para organizar a luta de libertação e alcançar a sua direcção». (Enver Hoxha — Informe do CC do PCA — I Congresso, Tirana, 1950).

Os êxitos que os comunistas obtiveram com a organização do movimento antifascista nos primeiros meses da ocupação do país, serviram ao Grupo Comunista de Korcha para consolidar e incrementar a sua actividade nas outras regiões do país, e terminar com o bairrismo que vinha sendo um grande obstáculo. No princípio do ano de 1940 o Grupo de Korcha estendeu a sua organização a Tirana. A sua direcção foi confiada a Enver Hoxha (...).

CAPÍTULO VII

NOVAS DIFICULDADES NO CAMINHO DA UNIDADE. O GRUPO DOS «JOVENS»

Precisamente quando a unidade dos grupos e a criação de um único Partido Comunista era uma necessidade indispensável, apresentaram-se novas dificuldades para atingir este propósito. Uma facção, que tinha começado a formar-se no seio do Grupo Comunista de Korcha antes da ocupação do país, começou a aparecer como um grupo independente a partir de Fevereiro de 1940. Mais tarde tomou o nome de «Grupo dos Jovens». O nascimento deste grupo foi favorecido pela cisão e outras fraquezas do movimento comunista, factores que criaram um terreno favorável para a actividade dos elementos anti-marxistas.

À cabeça deste grupo estavam Anastas Lula e Sadik Prente, elementos com ideias acentua-

damente trotskistas e anarquistas. Aproveitando a falta de vinculações fortes entre o Grupo de Korcha e as suas organizações de Tirana, Anastas Lula e Sadik Prente conseguiram convencer os elementos recrutados por eles de que a direcção do Grupo de Korcha não era capaz de dirigir o movimento comunista e de que os seus pontos de vista ideológicos e a sua linha política eram errados. Seguidamente conseguiram aumentar as fileiras da sua facção com intelectuais de origem burguesa e pequeno-burguesa que encontrando-se até certo ponto sob a influência dos chefes do Grupo de Shkodra (tinham feito seus os pontos de vista antimarxistas. O Grupo dos «Jovens» criou as suas organizações nas principais cidades do país e também em Korcha onde aproveitaram a dissolução das células e o estado de desorganização e desânimo de uma parte dos comunistas.

O Grupo dos «Jovens» começou a violar abertamente as resoluções conjuntas do «Comité Central». Os dirigentes do grupo de Shkodra, pensando que estes fracionistas actuavam segundo as orientações do Grupo de Korcha — no qual formalmente figuravam — acusaram este grupo de falta de sinceridade e de traição, utilizando isto como pretexto para

abandonar o «Comité Central» e provocar a sua dissolução.

Assim se rompeu o acordo de Outono de 1939... O Grupo dos «Jovens» declarou guerra aberta ao Grupo de Korcha e estabeleceu contactos com o Grupo de Shkodra.

As outras pequenas organizações comunistas integraram-se gradualmente num dos três principais grupos comunistas.

A direcção do grupo dos «Jovens» formulou uma plataforma ideológica e política antimarxista. Nela dizia-se que na Albânia não havia proletariado, nem existia a luta de classes, pelo que não havia base para fundar o Partido Comunista, e que o campesinato era conservador reaccionário e não podia ser aliado da classe operária. Essa plataforma tinha assimilado a teoria trotskista sobre a educação e preservação dos quadros. Considerava muito prejudicial trabalhar e vincular-se com as massas porque se expunham os quadros (...) Os chefes do Grupo dos «Jovens» e alguns dos seus seguidores degeneraram numa seita anarquista (...).

Ao mesmo tempo foi criada a organização do Grupo «Zjani» (Fogo) no país, o que aumentou ainda mais a confusão originada pela fundação do Grupo dos «Jovens».

O trotskista Andrea Zisi, depois de ter impedido por todos os meios, em nome do «PCA» aos jovens antifascistas albaneses que estavam em Atenas, voltarem para o país para lutar de armas na mão contra a agressão italiana, regressou à Albânia para sabotar o movimento comunista e antifascista. Fundou em Korcha um «CC» e em Tirana e Vlora «Comités Regionais». Todo o trabalho deste grupo consistia na educação dos seus membros.

Andrea Zisi inventou uma nova «teoria» segundo a qual ,a fortaleza fascista devia tomar-se por dentro e por conseguinte os comunistas, em lugar de lutar abertamente contra os invasores, deviam introduzir-se no seu aparelho político e administrativo (...).

A proposta de enviar comunistas à guerrilha, formulada em conversações entre Enver Hoxha e Muslim Peza (chefe de um agrupamento guerrilheiro patriótico contra os invasores italianos foi aceite por este grupo com agrado.

A chegada dos comunistas à montanha para organizar e impulsionar o movimento de libertação nacional, dava início a uma nova época na sua actividade. Os comunistas tomaram a iniciativa de esforçarem-se na organização do

movimento armado antifascista também nas outras regiões do país (...).

Por seu lado a organização do Grupo de Korcha em Tirana tinha desenvolvido grande actividade nas fileiras dos comunistas e entre as células dos nacionalistas patriotas, estabelecendo filmes contactos com eles. Enver Hoxha animado pelo ardente desejo de conseguir quanto antes a unidade dos comunistas albaneses num só partido, não se deixou vencer pelas novas dificuldades que se tinham deparado pela actividade fraccionista do Grupo dos «Jovens» e do Grupo Zjani. Soube encontrar também uma linguagem comum com os mais destacados activistas do grupo Shkodra, Vasil Shanto e Quemil Stafa. Gradualmente, a organização de Tirana, encabeçada por Enver Hoxha converteu-se num autêntico centro da organização para todo o movimento comunista e antifascista da Albânia. A esta organização incorporaram-se os comunistas mais firmes dos diversos grupos do país, constituindo a base do Partido Comunista que rapidamente estaria fundado (...).

«Sentiu-se mais que nunca, sobretudo na base, o grande dano causado ao movimento comunista pela luta estéril entre os grupos e a necessidade imperiosa de pôr fim a esta luta e

criar as condições favoráveis para a unidade do movimento na Albânia». (Resolução da Reunião dos Grupos Comunistas).

A luta contra o fascismo que asseguraria a unidade dos comunistas, rapidamente adquiriu grandes proporções. Os melhores militantes de todos os grupos estabeleceram contactos para coordenar as suas acções de combate contra o ocupante e os traidores do interior. Os dirigentes do Grupo de Shkodra, que tinham declarado que se leançariam na luta armada quando a União Soviética entrasse na 2.ª Guerra Mundial, tão pouco podiam opôr aos desejos de lutar dos comunistas de base, depois da agressão hitleriana contra a União Soviética. Nessa altura, o principal papel no Grupo Comunista de Shkodra era desempenhado por Stafa e Vasil Shanto que estavam unidos a Enver Hoxha. A linha de luta antifascista de libertação nacional predominava já neste grupo. Entre as orientações dadas aos militantes do grupo dizia-se «Como homens dignos da pátria, penetrai nas massas, captai a sua simpatia, trabalhai com eles e preparai-as para a luta armada nacional». (Directiva do Grupo de Shkodra aos seus membros).

A linha política comum aproximou o Grupo

de Shkodra do de Korcha e tornou possível concluir, em Agosto de 1941, um acordo de colaboração e organização conjunta de uma série de actividades antifascistas. Mais tarde com base neste acordo uniu-se também o Grupo dos «Jovens» sem que o Grupo Zjani respondesse ao convite de colaboração (...).

A luta dos comunistas albaneses criou por fim as condições para a fundação do seu partido. No seio dos grupos comunistas tinha aumentado o número de quadros revolucionários profissionais, que souberam superar as contradições do grupo, aceitar resolutamente a linha de luta intransigente contra as agressões fascistas e os traidores do país e lutar por alcançar a unidade do movimento comunista albanês sobre esta base. Estes quadros com a sua perserverante luta prepararam ideologicamente e organizaram a fundação do Partido Comunista Albanês.

A luta antifascista dos comunistas dos diversos grupos tinha arrancado até à raiz o sectarismo e o espírito de grupo que haviam predominado até então. Esta luta e sua ideologia comum foram o factor decisivo para que em 1941 os grupos conseguissem o acordo para convocar uma reunião dos representantes de

todos eles, reunião que resultaria na dissolução dos mesmos e na fundação do Partido Comunista da Albânia.

CAPÍTULO VIII

FUNDAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA DA ALBÂNIA

De 8 a 14 de Novembro de 1941, em Tirana levou-se a cabo na clandestinidade a reunião para fundar o Partido, em que participaram quinze representantes dos grupos comunistas. Entre estes estavam Enver Hoxha, Quemil Stafa, Vasil Shanto, Pilo Peristem e outros.

O problema principal, para o qual foi convocada a reunião resolveu-se em princípio, desde logo. Em 8 de Novembro foi tomada a decisão histórica de realizar a fusão dos grupos e fundar o PCA (...).

A maioria dos representantes exprimiram a sua decisão de pôr fim de uma vez para sempre à divisão e de criar um partido marxista-leninista, com uma sólida unidade organizativa e ideológica e com uma linha política combativa.

Só A. Lula e Sadik Prente, principais diri-

gentes e representantes do grupo dos «Jovens» se empenharam em obstruir o êxito deste objectivo. Não se atreveram a pronunciar-se abertamente contra a união dos grupos comunistas, porque esta era reclamada pelas bases. Mas apresentaram e defenderam os conhecidos pontos de vista trotskistas do seu grupo e de outros traidores do marxismo-leninismo. Trataram de comprovar sobretudo «a ausência do proletariado», »o carácter reaccionário e conservador do campesinato», «a falta de quadros preparados», «o perigo que representava para os quadros a propaganda e a agitação aberta contra o fascismo» e a «ilusão de contar com a ajuda e apoio da US». Com estes argumentos esforçaram-se por criar a ideia de que a fundação dum Partido Comunista único, seria puramente formal e que este partido nunca conseguiria estar à cabeça do povo albanês e dirigir a luta pela libertação nacional.

Enver Hoxha apoiado por Oemil Stafa e outros participantes na reunião levaram a cabo uma luta de princípios contra estas teses liquidacionistas. Quando viram o seu fracasso Anastas Lula e Sadik Prente aceitaram na aparência submeter-se à maioria e comprometeram-se a executar as resoluções da reunião (...).

Segundo o acordo adoptado, nenhum dos chefes principais (presidentes e vice-presidentes) dos grupos foi eleito para a direcção do Partido. Isto não foi consequência de um simples acordo, mas de uma exigência do desenvolvimento do movimento comunista e revolucionário. Os chefes dos grupos, impregnados de um evidente espírito grupista durante muito tempo tinham sido obstáculos para a unidade dos comunistas albaneses num só partido e incapazes de dirigir os comunistas e as massas revolucionárias.

A reunião criticou todos os pontos de vista erróneos e estranhos à ideologia marxista-leninista que apareciam nas fileiras dos grupos comunistas. De maneira especial condenaram a «teoria dos quadros» como derrotismo e oportunista, que afastava os comunistas das massas populares, os colocava a reboque delas, convertia-os numa seita e, em definitivo, conduziria à liquidação do partido (...).

O Comité Central provisório foi encarregado de depurar toda a literatura que utilizavam os grupos comunistas, de materiais anti-marxistas, trotskistas e anarquistas (...).

Desta maneira o PCA destacou desde o início a importância da teoria marxista-leninista e da

consciência comunista dos seus militantes e indicou o caminho que conduziria à vitória do movimento operário, do movimento de libertação das massas oprimidas e exploradas.

A reunião decidiu pôr fim de uma vez por todas à má organização dos grupos comunistas, à falta de disciplina, ao espírito de fracção e de grupo e criar um partido sobre bases sólidas de organização, marxista-leninista. A sólida organização tinha que se ser o meio principal para conseguir um partido inquebrantável e assegurar a aplicação da sua linha política. Foi fixada como primeira tarefa informar o Comité Central Provisório de todos os contactos que os dirigentes dos grupos comunistas tinham com os seus militantes. A partir de então os comunistas estavam obrigados a aplicar unicamente as normas de organização determinadas por essa reunião e pelo Comité Central sobre a base do princípio do centralismo democrático...

Deu-se a directiva de criar, o mais rapidamente possível, em substituição das velhas e reduzidas células de dois a três militantes, outras novas em que participassem os ex-militantes dos grupos logo que se depurassem as suas fileiras dos elementos com manifestas tendências sectárias, oportunistas e grupistas. Com

a organização das células criar-se-iam os Comités Regionais do Partido. Entre estes comités e as células deviam manter-se estreitos laços. A reunião exigia que as células demonstrassem a sua iniciativa e penetrassem nas grandes massas da cidade e do campo, os comités deviam ajudá-los e controlar continuamente a sua actividade (...).

Foi dedicada uma atenção particularmente grande à unidade e disciplina do Partido.

«Sem uma férrea disciplina e unidade do Partido, o nosso Partido que tem um grande número de inimigos, não poderá dirigir vitoriosamente a luta» (Resolução da Reunião dos Grupos Comunistas).

Para assegurar uma sólida unidade e forte disciplina a reunião pedia aos comunistas que fossem vigilantes e que não permitissem a infiltração nas fileiras do partido de elementos arrivistas, intriguistas, com espírito pequeno-burguês, que não se submetessem à disciplina e criassem um terreno favorável às actividades anti-partido. Assim toda a organização do Partido tinha direito a expulsar das suas fileiras, sem vacilação alguma, qualquer elemento de tendências anti-marxistas, oportunistas e liquidacionistas. Sublinhava-se uma vez mais que o

liberalismo o fraciozismo e a indisciplina não podiam ter lugar no partido

A ligação do Partido às massas era uma questão fundamental que a Reunião analisou e pôs na ordem do dia. Insistiu-se em que as deficiências que tinham os grupos neste sentido deviam superar-se a todo o custo (...).

1.ª tarefa — Vincular-se com as massas.

O PCA consagrou grande cuidado à propaganda e agitação verbais e através da imprensa.

Em todas as formas de agitação e de propaganda ocupavam um lugar importante as conversas individuais ou em pequenos grupos nas reuniões de operários, camponeses e jovens. Esta forma de agitação produziu os mais satisfatórios resultados. Os comunistas introduziam-se onde quer que houvesse massas. Este objectivo alcançavam-no empregando todos os meios e com métodos oportunos. Aproveitavam-se amplamente das velhas e novas amizades, das festas nacionais e populares, casamentos, dias de mercado, parentescos, etc. (...).

A propaganda e a agitação combativas eram armas enérgicas para ganhar as massas, mas isso não basta. O PCA havia tirado ensinamentos muito valiosos das deficiências do trabalho dos grupos comunistas e desde o princípio tinha-se dado conta claramente que as massas compreendem e assimilam o que o Partido expressa mediante feitos e múltiplas acções concretas que respondam directamente às suas exigências, aos seus interesses e aspirações.

O Comité dava-se conta que a actividade do Partido estava obstruída não só pelos vestígios do velho trabalho dos grupos mas também pelo espírito grupista que subsistia de maneira pronunciada, assim como pelo trabalho fraccionista e antipartido que desenvolviam os trotskistas Anastas Lula e Sadik com outros amigos seus, e ex-membros do grupo dos «jovens».

No que respeita à admissão do Partido de novos membros provenientes principalmente das fileiras dos operários e dos camponeses pobres, recomendar que não fossem obstáculo o baixo nível dos seus conhecimentos teóricos e políticos. Estes homens decididos seriam instruídos e educados como combatentes abnegados à causa do povo, do comunismo, nas fileiras do Partido...

ÍNDICE

Pág.

Introdução 5

Organização do Grupo Comunista de Korcha 13

O movimento comunista albanês e o Komitern 21

A imprensa dirigida pelos comunistas 27

Propagam-se as organizações comunistas. O Grupo Comunista de Shkodre 31

Nova linha do movimento comunista albanês 37

Esforços para aplicar a nova linha na Albânia 41

Novas dificuldades no caminho da unidade. O Grupo dos «Jovens» 51

Fundação do Partido Comunista da Albânia 59

No prelo:

AS TESES DE ABRIL
Lenin

Composto e impresso
nas
Oficinas de São José
para a Livraria Ler, Lda.
em Outubro de 1974